

CADERNO PEDAGÓGICO 2023

Genelucia Cruz Santana

Autora

Professora Dra. Vanessa Gonzaga Nunes

Orientadora



**ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA
TRATAR A DESPALATALIZAÇÃO DA
FALA NA ESCRITA.**

São Cristóvão/SE 2023

APRESENTAÇÃO



Você já percebeu a distância existente entre escrita e fala? Já tentou imaginar que esses erros na escrita dos alunos podem ser motivados pela oralidade? Pois é, muitas vezes, nós professores, não entendemos a distância existente entre a escrita e a fala e queremos que os alunos não cometam erros ao escrever e que falem exatamente como escrevem, como se fala e escrita fossem uma coisa só. Lembre-se, o código escrito, língua escrita chegou depois da língua falada. A oralidade surge naturalmente do e no convívio social. Desde pequenina, a criança já aprende naturalmente a estrutura de sua língua e o que consideramos erros são adaptações, no geral, totalmente possíveis.

A língua falada enquanto instrumento de interação, com o passar do tempo, foi organizada em uma modalidade escrita. Perfeita invenção! Mas, será que a gente percebeu o objetivo desta invenção ou, a todo momento, enfatizamos que um veio organizar a outra ou que uma tem mais valor que outra?

Voltando aos erros de escrita, nós professores, fomos orientados a fazer correção ortográfica de forma arbitrária, sem nenhuma contextualização, sem nenhuma preocupação com o preconceito linguístico, com as marcas da oralidade ou sem possibilidades de interveniência.

Na fase de letramento, as marcas da oralidade interferem muito na produção escrita das crianças. É sobre isso que iremos conversar neste caderno de atividades pedagógicas, que consiste no resultado de pesquisa realizada durante o Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS e que tem como finalidade subsidiar o trabalho do professor de língua Portuguesa, desafiado a todo momento sobre estratégias para diminuir os erros ortográficos dos alunos. Os alunos do 4º ano, de uma escola pública de Sergipe, foram os protagonistas das ações que trataram do processo fonológico da despalatalização.

E você professora, professor, já pensou que esses erros podem ser frutos de processos fonológicos? O que fazer com eles? Como fazer uma interveniência para diminuir esses erros e despertar nos alunos a consciência fonológica?

Vamos conversar? Boa leitura!

SUMÁRIO

Prefácio	04
1) Sobre consciência fonológica	05
2) Transcrição fonética e variações linguísticas	06
3) Processo Fonológico	09
4) Despalatalização	11
5) Planejando uma sequência didática	14
6) Resumo das etapas	15
Etapa 1	16
Etapa 2	18
Etapa 3	21
Etapa 4	23
Etapa 5	28
Palavras finais	30
Referências	33
Apêndices	34

PREFÁCIO

“Senta que lá vem
minha história!”



O que fazer quando os processos fonológicos aparecem na escrita dos meus alunos, visto que nesta fase toda sua aprendizagem está pautada na oralidade?

Professor/a, a pergunta acima, durante um tempo começou a me incomodar muito. Como fazer a correção ortográfica dos meus alunos, sendo fiel às regras, sobre o olhar crítico dos responsáveis pelas crianças e da equipe pedagógica da escola? Como fazer correção sem incorrer no preconceito linguístico? Percebe que qualquer mudança em nosso comportamento em sala agita com toda escola? Pois é, chamei todo mundo para agitar comigo!

Cada um de uma vez, porque mudança assusta!

Você sabe que grande parte da nossa vida na escola é fazendo correção de atividades, textos dos nossos alunos. Concorda? Faço minhas correções de forma bem criteriosa: acentuação, ortografia, pontuação, concordâncias porque sei que o aluno também tem que aprender bem a modalidade escrita da sua Língua. Mas a fala veio antes da escrita, e o aluno quando chega na escola já vem com a estrutura de sua língua bem organizada, e com formas de falar vivenciadas em casa, na igreja, na rua... Nas minhas séries iniciais, os alunos trazem muitas marcas da oralidade para os textos. Preocupadas com a persistência dessas marcas da oralidade presentes nas produções, decidimos realizar um trabalho de interveniência dentro da sala. Fizemos um levantamento de todos os processos que mais se repetem, escolhemos a despalatalização, porque, realizada de diversas formas (mais tarde conversaremos sobre isso), percebemos na fala dos alunos e presentes nos textos; também pela carência de trabalho desenvolvido com esse tema.

I CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA



Olá, professor/a

Muito prazer, eu sou a Edite. Sou eu que vou conduzir sua leitura.

Juntas(os) vamos aprender ou ampliar conhecimentos sobre fonética, fonologia e consciência fonológica. Vamos conversar bastante sobre a importância da oralidade na sala de aula. Vou apresentar para vocês algumas modificações da fala que teimam em aparecer na escrita e vamos focar em um fenômeno chamado despalatalização.

Eu criei uma sequência didática para fazer com que os alunos percebam como fala e que possam fazer escolhas mais conscientes na hora de escrever. Espero de coração que esse nosso passeio possa lhe inspirar a fazer atividades que aperfeiçoem a escrita dos alunos e que os preparem para uma sociedade que está cada vez mais apoiada em práticas orais, como podcasts, vídeos de redes sociais, mensagens de áudio etc. Faça bom uso desse material. Acredite, medite, e, ao final, agite! Convido-te a iniciar partindo da agitação, invertendo assim a ordem que apresentei. Eu acredito que dará certo!



Qual é a única diferença entre bala e mala? Semanticamente, temos muitas, não é mesmo? Bala é um doce muito apreciado por todos e principalmente pelas crianças. Já mala é um acessório que colocamos os objetos que serão levados em uma viagem. Mas o leitor atento vai saber que estamos falando da primeira letra na escrita ou no primeiro som, se estivermos pensando em oralidade.

Então, estamos falando da primeira letra e do primeiro som dessas palavras. Essa foi fácil, não é mesmo? Agora me diga, o que acontece se eu suprimir o primeiro som da palavra BELA? Eu terei uma nova palavra, sim, ficará ELA. Gostou da brincadeira? Então segue mais uma:

Se eu tirar o som da letra c de casa, que palavra surge? Sim, asa! Perceba que agora não estamos falando mais em letra, até porque a letra C pode emergir na fala como K ou S. Ainda com foco no som e não na letra, forme uma palavra que comece com os dois sons, que comecem com as seguintes palavras, como no exemplo seguinte:

Mulher organizada: M + o = moderna ou moça

Entendeu como funciona? Agora é com você!

Gente inteligente, pode dar, por exemplo, gigante ou jiló;

Sapo esquisito, pode dar selo ou cebola;

Casa rosa pode dar cravo.



O que você acabou de fazer foi compreender que ao trocar uma só letra ou um só som de uma palavra, pode fazer surgir uma outra, gerando mudança de sentido. Percebeu que ao tirarmos ou acrescentarmos sons de uma palavra pode obter outras e pode criar palavras grafadas com letras distintas, mas que tenham o mesmo som? Você sabe por que consegue fazer isto? Porque, certamente, você, em algum momento teve sua consciência fonológica desenvolvida. Quando essa atividade que foi feita aqui com você acontece apenas oralmente, ou seja, sem o apoio da escrita, muita gente tem dificuldade de executá-la, isso porque aprendemos a ler e escrever, mas não aprendemos a pensar sobre o valor dos sons. Quando a criança aprende a realizar esse tipo de jogo, ela tem muito mais facilidade de compreender que nem sempre uma letra vai ter apenas um som de equivalência. Viu? Agora você já sabe o que é consciência fonológica, que nada mais é que a capacidade de manipular palavras ou parte de palavras, como fazer segmentação silábica, perceber semelhança fonológica, trocar som para obter novas palavras etc.

II Transcrição fonética e variações linguísticas



Você sabe como falam meu nome? Várias pessoas falam de várias formas. Vejam, por exemplo, em Salvador, falam: [e'dʒitʃI] e em Aracaju, falam: [e'ditʃI].

Calma!! Já sei! Você não entendeu esses símbolos que entraram no meio da escrita do meu nome na transcrição da fala de Salvador, não foi? Não se preocupe, não precisamos deles em nosso dia a dia em sala, mas acho interessante você saber que na área da fonética tentamos sempre transcrever do jeito que falamos, por isso a transcrição da palavra “pato” será ['patu] porque raramente alguém pronuncia pato com um “o” no final. Para essa transcrição da fala, é preciso seguir algumas regrinhas. Segundo a pesquisadora Leda Bisol (2010), toda vez que a gente for fazer uma transcrição de sons devemos representá-los através de colchetes e esse tracinho ' significa que na sequência vem uma sílaba tônica.

Na brincadeira inicial que pedimos para você responder rápido, falamos muito sobre consciência fonológica, falamos em **substituição** de sons que resultam em **mudanças** de significados. Estou certa? Sim! Mas, no caso das formas de falar meu nome, percebi mudança no som das letras “t” e “d”.

Ainda que as pessoas falem meu nome modificando a pronúncia de uma letra, não ocorre mudança em meu nome, ou seja, eu continuo sendo a mesma pessoa. Percebi que o mesmo acontece com a palavra “tia”, mas o significado da palavra continua o mesmo.

Será que minha consciência fonológica está desenvolvida demais?



Acompanhe comigo:

Os **sons** que distinguem palavras são chamados de **fonemas**.

Exemplo: Edite, elite.

Troquei o “d” pelo “l” e formei outra palavra. Vamos fazer outro teste?

Exemplo: Edite, evite.

Troquei o “d” pelo “v” e formei outra palavra. Ou seja, eu percebo que apenas um som é capaz de mudar todo o sentido da palavra e por ter essa capacidade ele é um fonema. Assim, consigo provar que /d/, /l/ e /v/ são fonemas do português.

Já nas várias formas de falar meu nome - uma vez que em Salvador se fala [e'dʒitʃI] (meio que chiando “d” e “t”) e em Aracaju se fala [e'ditʃI] com a ponta da língua tocando nos dentes -, não há mudança de significado. Apenas teremos diferentes pronúncias em regiões distintas. Neste caso, os **sons** que não distinguem palavras são apenas **fonos** do português.

Qual das duas pronúncias você acha que é a mais correta? Qual a mais bonita? Na verdade, não existe “pronúncia mais correta” porque não se trata de um erro. São apenas **variantes** linguísticas existentes em nosso país. Logo, da mesma forma devemos repensar todo e qualquer juízo de valor que fazemos às **variantes** que coexistem dentro do português brasileiro.

Ops, variantes? Eu disse variantes?

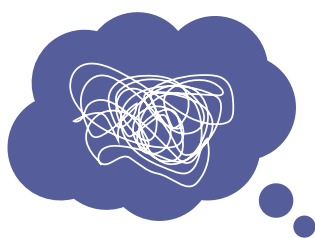
– Nã, nani, nina não! Desta forma a gente concebe que existe uma forma de falar correta e as outras são variantes, isto não existe! Então dizemos que na língua existem variedades linguísticas. Não erre mais! Quando for falar sobre os diferentes falares que encontramos pelo Brasil, use “variedades linguísticas”.

Agora você deve ter percebido por que é tão importante falar de oralidade e fazer exercícios que coloquem a meninada para perceber como falam. Se não paramos para nos ouvir, seguimos reforçando crenças, alimentando preconceitos e gerando discriminação entre falantes de um mesmo idioma.

Professor/a, avalie-se de 0 a 10: Durante seu planejamento e em suas aulas, qual o nível de importância que você dá para a oralidade? Saiba, professor/a, que trabalhar a oralidade do aluno é fundamental, pois oral também é objeto de estudo. A BNCC reconhece que a aprendizagem das características discursivas e das estratégias de fala e escuta ocorre por meio da interação com o outro.

Caro/a professor/a, trabalhando, conhecendo a oralidade do aluno você percebe quando eles trazem aspectos da oralidade para escrita. Sabe como chamamos essas marcas bastante regulares da fala? Chamamos de Processos Fonológicos. Agora que já editamos em nossa mente o que são os processos fonológicos, vamos meditar sobre eles?

3 PROCESSOS FONOLÓGICOS



Professor/a, quando você ouve falar em processo, o que vem primeiro em seu pensamento? Agitou? Processo é modificação, mudança! Em nosso caso aqui, modificação/mudança da forma de falar dos nossos alunos.

Não falo daquelas modificações que sabemos que existem nas crianças, por exemplo, antes de falar a palavra ÁGUA, ela pronuncia áua, ága, água até chegar em água. Refiro-me, por exemplo, àquelas formas de pronunciar palavras diferentes da língua escrita. Esclareço: A palavra escrita é igual, mas a pronúncia pode ser ingual. Seu aluno diz: Professor/a, Enzo só fica mexeno em meu cabelo! A gente sempre espera o mexendo. Processo ficou entendido? Então vamos para o fon... fon... isso, fonológico! E o que você imagina que seja algo fonológico?

Você já foi ou sabe de alguém que já foi a um fonoaudiólogo? Vou arriscar que sim! Porque muitas vezes nos deparamos com alunos que frequentam sessões de fonoaudiologia. Por que eles procuram esse especialista? Porque precisam de um trabalho voltado para sua fala. FONO lembra FONE! Você se lembra que falamos de fone quando fizemos a transcrição dos sons da fala do meu nome em dois estados? Isso mesmo, fono, lembra fone que significa SOM. Som da nossa voz!



Então eu posso concluir que processo fonológico seja mudança de som que ocorre em nossa voz. **São modificações que podem acrescentar ou apagar um som, transformar o som em uma palavra ou até nas adjacências. Editou! Concorde?**

Quando uma criança **fala**: - Tia, hoje é dia do paião. Ela fez uma mudança de som ao pronunciar a palavra palhaço. Erro? Se essa frase estivesse dentro de um **textinho** de seus alunos, como você faria a correção? A modalidade escrita exige cumprimento das regras. Qual seu posicionamento como professor/a? Na **fala** da criança, aconteceu algum processo fonológico, alguma mudança de som ao pronunciar? Acreditamos que sim. Essa forma de falar pode ser marcas da forma de falar da comunidade em que ela vive, chamamos marcas da oralidade. Muitas crianças trazem essas marcas da oralidade para o texto, inicia-se aí, o nosso trabalho com os processos (mudanças) fonológicos (sons da fala) em sala de aula.

Todo processo fonológico se realiza apenas na fala! **Edite** todas as informações anteriores a essa informação em relação a realização dos processos! Não existe processo fonológico na escrita, a escrita não produz som.

Vamos conhecer alguns processos fonológicos (marcas da oralidade) amparados na literatura que são trazidos para escrita.

(des)Nasalização
garage /garagem
home/homem

Apagamentos
andano/andando
Sergipe/Segipe

Monotongação
dinhero/dinheiro
oro/ouro

Ditongação
treis/três
nois/nós

Despalatalização
Mulher/muler

Observe que a maioria dos nossos alunos pronuncia a palavra homem sem realizar o som nasal: home(m). Ex: Tia, tem um home chamado Bless em minha rua. Ele apaga o som nasal. Mas também pode acontecer o contrário, ele realiza um som nasal, exemplo: Tia, as pessoas do continente africano falam **inguais** a nós? Perceba, professor/a, que home e inguais são marcas da fala dele, fruto de seu ambiente de convívio.

Na monotongação, o nosso aluno (será que é somente ele? ☺) transforma um encontro vocálico em uma vogal, FEIJÃO/FEJÃO. Enquanto na ditongação, ele (só ele?) transforma uma vogal em um encontro vocálico: JESUS/JESUIS

Na despalatalização, no geral, o aluno troca o som lh por l ou i, por exemplo: BARALHO/BARALIO – MULHER/MUIER.

Agora, fale-me a verdade: você se reconheceu dentro desses processos fonológicos? Não sorria, fale a verdaaaaaade! Se não se encontrou, vou te mostrar mais alguns: arrois/arroz/ - aguia/agulha/ - dirlique/deslique - pexe/peixe - disdrobo/desdobro – vou fala/falar com ela - cabrunco/carbúnculo ... **E aí, professor/a, o que fazer diante desses processos quando aparecem na escrita dos nossos alunos, visto que nesta fase toda sua aprendizagem está pautada na oralidade?** Faz-se necessário um trabalho de interveniência. Entraremos no próximo capítulo no tema alvo do nosso caderno pedagógico, o processo fonológico da despalatalização dos alunos: DES-PALATIZAR.

IV DESPALATALIZAÇÃO



Vamos brincar novamente?

Pronto! Estamos prontos para focar na despalatalização.

Vamos **agitar** nossa língua, **meditar** seus movimentos e **editar** novas possibilidades de compreensão?

Para te ajudar, eu proponho que a gente comece analisando a palavra desta forma: des –palatal - ação.

Lave as mãos e mãos na língua! É! Isso mesmo. Sua língua (órgão)!

1. Observe as palavras BOLA, BOLHA e BOLINHA;
2. Preste mais atenção nos sons que produzimos ao pronunciar a parte em negrito;
3. Feche os olhos e pronuncie a palavra bola. Em qual local da boca a pontinha da sua língua toca ao pronunciar o /l/? Em qual local da boca o dorso da sua língua está ao pronunciar o /l/? Guarde essa informação.
4. Feche os olhos e pronuncie a palavra bolha. Em qual local da boca a pontinha da sua língua está ao pronunciar o /lh/? Em qual local da boca o dorso da sua língua toca ao pronunciar o /lh/? Guarde também essa informação.
5. Feche os olhos e pronuncie a palavra pintinho. Em qual local da boca a pontinha da sua língua está ao pronunciar o /nh/? Em qual local da boca o dorso da sua língua toca ao pronunciar o /nh/? Guarde também essa informação.

Ok! Agora vamos meditar como você fez esse exercício.

Você prestou atenção na forma que pronunciou o som da letra L na palavra bola? Percebeu que a ponta da sua língua tocou na parte de trás dos dentes superiores, naquela região crespinha? ☺ Essa proeminência a literatura chama de alvéolos. Percebeu que as laterais da língua estão mais abaixadas de forma que sentimos a saída de um arzinho pelas laterais?

E quanto a palavra bolha, percebeu a diferença na pronúncia do som do LH? Nesta nova configuração da língua percebemos que ela fica um pouco mais para trás, um processo de encolhimento, suas laterais subiram, o som produzido parece que vem molhado.

De que forma você pronunciou o som do NH na palavra pintinho? Percebeu que sua língua ficou para trás, também fez um movimento de encolhimento, as laterais subiram, o sonzinho molhado, o que difere do som do LH, é somente o som nasal.

Percebemos que se tivermos como referência a palavra alvo escrita com lh, nh, l, todos os sons que treinamos acima são produzidos com o auxílio do palato duro, são sons palatais.

Muitos alunos, ao pronunciar esses sons que brincamos acima, por diversos fatores, modificam a forma de articular o som, principalmente dos dígrafos apresentados acima, alguns trazem a língua para parte de trás do dente, transformando lh em li (filio); outros deixam a língua no centro da boca sem tocar no palato duro, transformando o lh em i (fio); alguns deixam a língua no centro da boca sem tocar no palato duro, boca distendida, transformando o lh em ii (fiio). Como nessas transformações eles não usam o palato duro dizemos que eles despalatalizam: des (significa negação, não), palatalizar (palatal, tocar língua no palato duro).

Caro/a professor/a, a despalatalização é definida como perda de traço palatal na articulação de um fonema, isto é, as laterais da língua não sobem, não tocam no palato duro (popularmente conhecido como céu da boca). Este processo fonológico se encontra presente na fala espontânea e na fala monitorada dos alunos e de seus familiares.

Na escrita, em fase de letramento, a troca de “lh” por “li” se configura como o erro mais frequente. Em segundo lugar em recorrência, temos a troca de “lh” por vogal. Percebemos, sobretudo para o primeiro caso, que essa realização na escrita ocorre independentemente se a comunidade de fala faz uso dessa variedade na fala. Acreditamos que isso ocorra porque é difícil para a criança - que vem aprendendo letras separadamente ou em associação com vogais - a compreensão que duas letras equivalem a apenas um som. A aplicação das estratégias didáticas nos mostrou que é preciso, antes de qualquer interveniência específica, que seja feita a apresentação dos dígrafos, em distinção a outros sons. Para a palatal [l], especificamente, é importante que ela seja trabalhada em par com a lateral alveolar lh [λ]. Este símbolo /λ/ representa o som que produzimos ao falar o nome do dígrafo LH.

Observamos no percurso do trabalho desenvolvido que a forma mais recorrente na fala para o segmento em questão parece ser a manutenção da palatal com o acréscimo de uma vogal (λj): milho, a criança produz o som milhio. Mas, aqui para nós, só as crianças articulam assim?



Professor/a, é muito importante você fazer esse exercício antes de desenvolver qualquer intervenção em sala. Fica tudo mais tranquilo. Você disciplina seu ouvido para a escuta e desta forma compreende melhor como e porque ocorre o processo e como trabalhar.

Realizamos um trabalho de intervenção na escrita dos alunos do 4º ano de uma escola municipal de Aracaju e verificamos que um percentual considerável deles despalatalizava ao pronunciar palavras escritas com lh e que traziam essas marcas da oralidade (marcas da forma de falar) para escrita.

Super indico este livro!



Professor/a, sei que você pode ser pedagogo/a e não ter cursado a disciplina Introdução à Fonética e Fonologia. Caso tenha interesse em aprofundar seus estudos, a linguagem deste livro é muito tranquila. Conversa com você, faz reflexões sobre a Fonética e Fonologia, sugere outras leituras; traz exercícios no final dos capítulos, ilustrações do processo articulatório, experiências, sugestões de atividades com piadas, bingo, causos e transcrição fonética.

#partiuplanejandoumasequênciadidática

V. Planejando uma sequência didática!

Vamos lá, professor/a, com esta proposta de sequência de atividades, propomos algumas estratégias didáticas que podem ser usadas por você no trabalho de redução dos problemas ortográficos resultantes do processo fonológico da despalatalização da fala na escrita. Acreditamos que toda discussão trazida no início desse material mostrou para você a importância de mudarmos o olhar para os erros das crianças nas tarefas diárias e a relevância de um trabalho direcionado aos problemas fonológicos.

A nossa interveniência em sala foi dividida em cinco partes. Abaixo fizemos um resumo dessas partes e em seguida, a organização e estrutura de cada uma delas. Você vai perceber que já conversamos muito sobre as duas primeiras etapas e até brincamos juntos/as em pensamento, está se lembrando?

Resumo das etapas

Ações	Atividades	Objetivos	Duração
Etapa I Atividades diagnósticas escritas	Pré-testes- produção textual Ditado visual	☉ . Identificar os principais processos fonológicos existentes na turma. ☉ . Trabalhar um dos principais processos fonológicos encontrado na escrita: despalatalização.	2 aulas
Etapa II Atividades diagnósticas orais	Atividade de escuta individual Atividade de escuta em grupos	☉ . Escutar a pronúncia de cada aluno dos nomes das gravuras apresentadas, todas elas escritas com /ɲ/ ☉ . Escutar a pronúncia das palavras ditas anteriormente dentro de uma frase.	2 aulas
Etapa III	Aula expositiva sobre letra e fonema: lh	☉ . Compreender que nem sempre uma letra representa um som, há relação biunívoca entre letra e fonema. ☉ . Conhecer a estrutura dos dígrafos. ☉ . Reconhecer a presença das variedades linguísticas. ☉ . Certificar se o aluno conhece o dígrafo.	Uma semana
Etapa IV Trilha: Língua: cole ou encolha!	Trilha Atividade com braços Atividade com bambolês	☉ . Consolidar a aprendizagem sobre palatalização e despalatalização.	2 aulas
Etapa V Teste de saída	Teste de saída - escrito	☉ . Buscar respostas se a nossa sequência atendeu às nossas expectativas.	1 aula

I ETAPA

Atividades diagnósticas escritas

Realizadas em dois blocos

1. Recursos necessários:

- Cópias para os alunos da proposta de produção textual;
- Cópias do ditado visual.

2. Como realizar?

Bloco I

Antes de qualquer atividade de interveniência em qualquer lugar, primeiramente, já se sabe onde está o problema. Identificado o problema, vai-se em busca de soluções ou melhoramentos. Em sala de aula não é tão diferente, a gente sabe que são inúmeros problemas, mas temos que ficar vigilantes para intervir no momento certo. Uma atividade diagnóstica serve para que você, professor/a, possa fazer um levantamento dos principais processos fonológicos recorrentes em sua turma e elaborar sequências que venham a despertar no aluno a consciência fonológica. Realize a leitura individual e/ou coletiva dos textos motivadores para a produção textual.

Professor/a, faça opção de textos que estimulem a escrita dos alunos, temas polêmicos é uma boa dica, mas é importante saber propor a produção. Você pode estimular os alunos a escreverem a partir de postagem em redes sociais, músicas, propaganda, situações para serem resolvidas com conhecimentos diários deles (acho esta última infalível!).



3. Aplicando a atividade

Foram trabalhados textos motivadores sobre as festas juninas no estado de Sergipe. Na primeira produção, não obtivemos sucesso devido a proposta que fizemos, que consistia em o aluno escrever como são os festejos juninos em Sergipe (comida, danças, festivais, fogueira, decoração, músicas e instrumentos musicais). Eles apenas foram citando exemplos. Partimos para outra proposta de produção com o mesmo tema, e a resposta foi positiva, percebemos um fluxo na escrita com textos maiores e muitas marcas da oralidade presentes. Na parte em que eles explicam como chegar até a casa deles, ficou mais evidente a presença dos processos fonológicos diversos.



Olá! você já nos falou sobre a festas juninas aí em Sergipe. Conseguiu nos convencer! A gente vai visitar vocês! Obaaaaa!

Quando a gente chegar na rodoviária, como faremos para chegar em seu bairro? Quando a gente chegar aí, quais os lugares que você vai nos levar? O que tem de legal neles? Por que é divertido? Você tem amigos? Já queremos saber o nome deles e por que eles são legais. Quais os lugares que você brinca aí em sua rua?

Ah, não se esqueça de informar para gente os locais legais para comprar lanche aí no povoado, e quais os tipos de lanche, amamos comer besteiras de vez em quando!

Na volta para nosso estado, você acha que seus pais deixariam você vir com a gente? Por quê?

Como realizar o ditado visual?

Bloco II

Os alunos receberam uma atividade escrita solicitando que escrevessem o nome das gravuras, sendo que em todas, na escrita, há a presença do lh. Exemplos: filho, palhaço e milho

Escola _____
Aluno _____ Série ____ Ano ____
Data _____ Prof^a _____

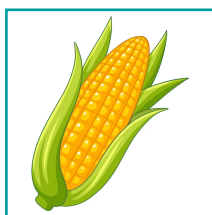
Escreva o nome das figuras abaixo bem caprichado!

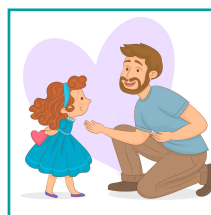






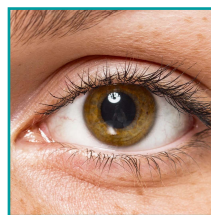






Pai e









Professor/a, para que não haja interferências, aconselhamos que você não pronuncie o nome das gravuras, deixe que o aluno olhe e escreva o nome delas.



II ETAPA

Atividades diagnósticas orais

Realizadas em dois blocos

1. Recursos necessários:

- Gravador portátil para colher os áudios ou celular;
- Mural com adjetivos;
- Gravuras;
- Uma pessoa para filmar e o/a professor/a para aplicar;
- Mural dos adjetivos.

2. Como realizar?

Bloco I

Professor/a, como dissemos anteriormente, a criança em período de alfabetização, aquisição da escrita, tem a fala como seu suporte. Fizemos observação e correção do ditado visual com as palavras escritas com lh e detectamos vários desvios ortográficos: palavras escritas com apagamento do l, h e com acréscimo da vogal i.

Organizamos, com apoio da equipe diretiva da escola municipal, um dia para ouvirmos a pronúncia das crianças, de forma individual, com as palavras selecionadas do ditado virtual.

3. Como aplicar?

- 1) Levamos uma criança de cada vez para uma sala silenciosa;
- 2) Passamos para elas alguns comandos:
 - a) Pronunciar o nome da gravura com voz alta quando o/a professor/a mostra a figura com altura acima da cabeça;
 - b) Pronunciar o nome da gravura com voz baixa quando o/a professor/a mostra a figura na altura do umbigo;
 - c) Pronunciar o nome da gravura com voz normal quando o/a professor/a mostra a figura na altura da boca;

Durante todo processo, uma pessoa já determinada irá captar áudios dos alunos. Após cada áudio, procure salvar com o nome da criança.

Professor/a, você se lembra da brincadeira do “vivo ou morto”? Pois é, realize a atividade com essa dinâmica. O objetivo é que o aluno se esqueça de monitorar a fala e participe da dinâmica como uma brincadeira.



Bloco II

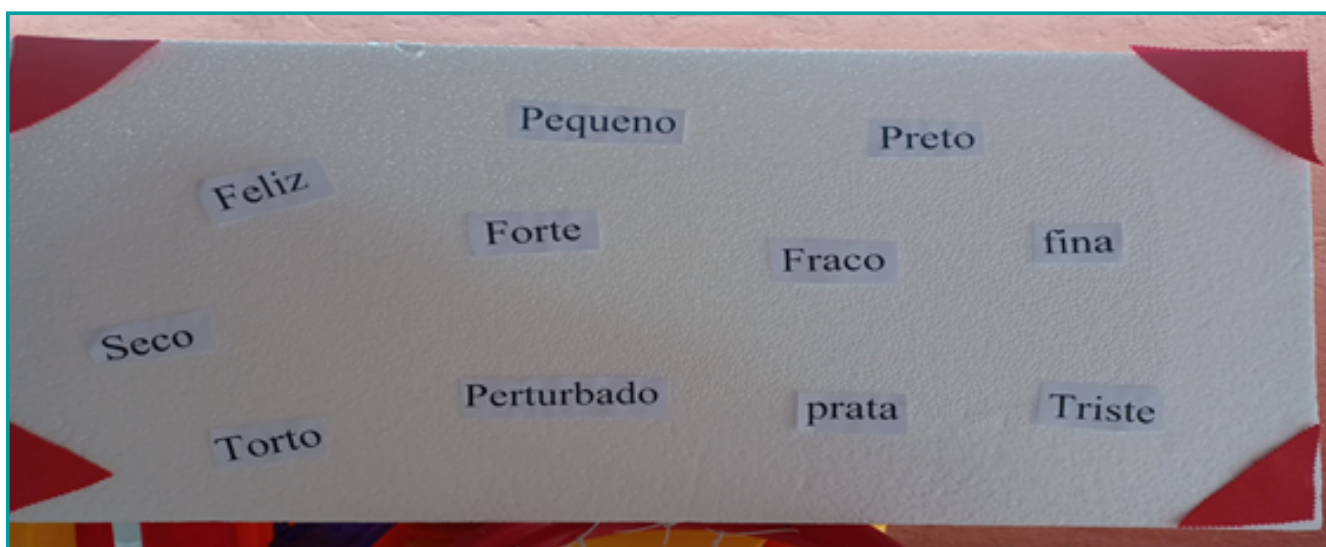
Professor/a, acredito que você pense que o aluno do 4º ano já sabe obedecer a comandos considerados simples. Não é bem assim que a realidade se mostra. Percebemos que alguns alunos tiveram dificuldade em entender os comandos, realizavam-nos com o mesmo tom de voz. Desta forma, não foi possível uma análise acústica mais apurada.

Partimos para uma atividade em que o aluno continua trabalhando com as mesmas palavras, desta vez incorporadas a uma frase.

Passo a passo:

- 1) Organizamos os alunos no pátio da escola, em grupos, um sentado ao lado do outro, com meio metro de distância uma cadeira da outra;
- 2) A atividade estava em grupo, mas a resposta era individual;
- 3) Entregamos para cada aluno cinco gravuras e orientamos para eles que cada um iria escolher uma palavra do mural e formar uma frase, com cada gravura;
- 4) Cada aluno escolhe a sua primeira gravura, forma uma frase e diz em voz alta;
- 5) A dinâmica terá cinco rodadas.

Durante todo processo, uma pessoa já determinada irá captar áudios dos alunos. Após cada áudio, procure salvar com o nome da criança. Para a composição do mural, tivemos como critério a escolha de adjetivos iniciados por consoantes surdas, como: seco, preto, feliz, torto etc.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Professor/a, esta atividade tem eficácia no resultado da qualidade dos áudios, se for realizada em local fechado. Fazendo a coleta dos áudios com gravador, você terá melhor facilidade e maior proximidade da realidade na análise dos resultados.



O resultado das análises nos mostrou que os alunos trazem para escrita marcas de sua oralidade.

III ETAPA

Aula expositiva

Professor/a, acreditamos que esse momento seja muito importante, pois irá trabalhar com algumas letras do alfabeto fonético: L, M, N e H. Nossos alunos pensam que cada letra corresponde a um som, quando elas encontram duas letras que representam apenas um som, inicia-se aí o problema na alfabetização. Grande parte de nós, professores/as, só damos a devida importância desse conteúdo quando vamos trabalhar os dígrafos.

1. Recursos necessários:

- Lousa;
- Pincel;
- Louça digital, retroprojektor ou TV smart;
- Vídeo - Alfabeto fonético;
- Letras L, M, N e H, em EVA, Tamanho 25c;
- Fita adesiva.

Como aplicar?

N C L H

Passo a passo:

- Mostre a letra H e comece uma história que trate dos sentimentos das letras. Conte que o H andava muito indignado porque somente ele não tinha som no alfabeto, mesmo quando se juntava às vogais não provocava mudança alguma. Conte que o H se sentia um som que não servia para nada.

HA HE HI
HO HU

b) Continue a história contando que a letra C, que se queixava de ser confundida com “s” ou com “q”, compadeceu-se diante da história amigo H. Dê uma continuidade seguindo essa sugestão: “Quando viu o H sozinho, o C se juntou a ele e disse : - venha comigo! e se colocou à esquerda do h”. Juntos eles ficaram muito felizes e perceberam que juntos eles tinham um outro som. O som ficou como? A dupla CH passou a ter som o mesmo som que a letra X. O H percebeu que modificava o C. Juntos eles era, apenas um som.”

c) Para adentrar nos dígrafos palatais, comece apresentando a letra L como personagem da sequência da história. “A letra L também ficou comovida e quis ajudar o amigo H”. Monstre na lousa como ficou: LH. Explique que o encontro LH diferentemente de CH, produz um som novo, o /λ/. Faça com que os alunos percebam a diferença entre L e LH.

d) Continuando com as palatais, dê sequência à história introduzindo a letra N. “A letra N também veio ajudar e quando ficou ao lado do H, viu surgir o: /ŋ/. Faça com que os alunos percebam a diferença entre N e NH.

Professor/a, ao final, reescreva ch, nh, lh e mostre seus sons. Evidencie que duas letrinhas se juntam para formar apenas um som.



Dica!

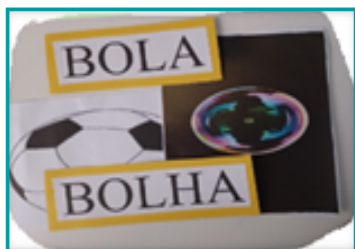
Faça com que os alunos unam as letrinhas e digam que som formou, escrevendo na lousa.

IV ETAPA

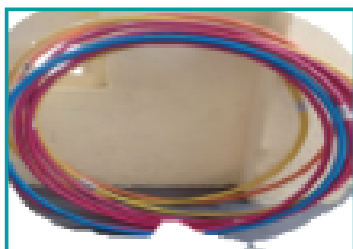
Produto: A trilha

Professor/a, a proposta didática a seguir consiste em uma adaptação do jogo tradicional conhecido como trilha e tem como objetivos trabalhar as **relações** existentes entre a fala e a escrita, despertar a **consciência fonológica** e **percepção dos pontos de articulação** dos fonemas (/l/ e /ʎ/) em seus sons produzidos.

Recursos necessários:



Imagens e palavras digitadas e coladas no papel duplex



Bambolês



Cones



Dado almofadado



Tabuleiro

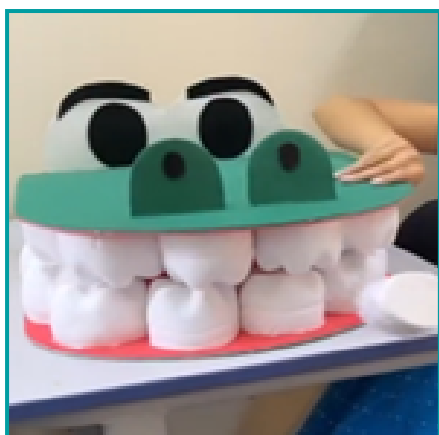


Arcada dentária

Fonte: Fotos tiradas pela professora pesquisadora

Professor/a, caso não tenha uma arcada dentária na escola em que leciona, você pode, com algumas sucatas, construir uma! É fácil! Deixarei nos apêndices moldes de olhos, língua e boca para formar a arcada dentária feita de copinhos.





Garrafas pet cortadas como na foto ao lado ou copinhos pequenos descartáveis – dentes.

Tinta branca – para pintar os dentes caso a escolha seja garrafa pet.

Papel camurça preto – olhos e centro do nariz

EVA vermelho – lábios e língua

EVA verde – parte exterior da boca

TikTok: professorasaradovale

A trilha foi organizada para trabalhar em grupos de alunos que deverão ficar em fila, e receberão um cone de cor diferente. As peças com as gravuras e os nomes das gravuras ficarão dispostas dentro do tabuleiro, no chão, para facilitar a visualização e só sendo retirada após a leitura da palavra na trilha. A arcada dentária ficará também em cima do tabuleiro.

 PARTIDA ↓	PALHAÇO	↓ TELA	MALA	↓ TELHA
MILHO	BOLA	COLHER	GRAVURAS	GRAVURAS
FILA	ARCADA DENTÁRIA	PALA	GRAVURAS	GRAVURAS
 VOLTE PARA PARTIDA	ABELHA	 PULE DUAS CASAS	BELA	MALHA
BOLHA	FILHA	PALHA	 VOLTE UMA CASA	MILO
COLE	VELA ↑	 VÁ PARA PRÓXIMA CASA	VELHA ↑	PALÁCIO CHEGADA

Fonte: Adaptação do jogo de trilha

Peças no tabuleiro



Fonte: Foto tirada do produto organizado para iniciar o jogo.



Para começar, um aluno de cada equipe deve jogar o dado e percorrer o número de casas correspondente. Quando o aluno chegar na casa em que o dado caiu, fará a leitura da palavra que está nela e pegará a ficha com a gravura correspondente ao que foi lido. Assim que terminar de ler, o aluno deverá mostrar o ponto de articulação da língua ao pronunciar o /l/ ou /k/ na arcada dentária e escrever/expor a palavra lida em um cartaz exposto na parede.

Se durante a trilha algum aluno não souber escrever, pode pedir ajuda a equipe sem nenhuma perda de ponto ou conceito para a equipe. Os alunos continuam jogando de forma alternada, até que um deles chegue ao final da trilha, quando este será declarado o vencedor do jogo.

Após o término do jogo, objetivando deixar claro para a criança a diferença na pronúncia dos fonemas /l/ e /k/ e fazendo uma revisão da trilha, passaremos por duas semi- etapas: dinâmica com os braços e atividade com os bambolês.

Professor/a, nesta quarta etapa, realiza-se o ponto crucial de interveniência, a aplicação do produto pedagógico, a Trilha, o qual se debruçou sobre erro frequente da escrita dos alunos do 4º ano e que é motivado pela oralidade. Tem-se a intensão de trabalhar de forma lúdica e dinâmica os pares de palavras que contemplam lh/ l. Nesta trilha, o lúdico se manifesta na exploração de uma arcada dentária simulando ponto de articulação da língua ao pronunciar /λ/ e /l/; na observação e produção dos sons ao pronunciar o /λ/ e /l/; e na associação das palavras às gravuras que foram colocadas no mural de encaixe.

Dinâmica dos braços

Professor/a, todos os alunos ficarão em pé e um aluno de cada equipe fará a leitura de todas as palavras que estão no cartaz. Para cada palavra lida, a equipe toda deverá optar por um movimento entre os dois ofertados: quando a palavra for escrita com l, estenderão os braços pouco inclinados para cima com um pouco de força; quando a palavra for escrita com lh encolherão os braços com os cotovelos par trás. O aluno que erra, retorna para o final da fila.

Dinâmica dos bambolês

1) Recursos materiais: Bambolês e áudio com as palavras pronunciadas com /l/ ou /λ/. Professor/a, os alunos deverão permanecer em fila, neste momento, de pé, de frente a um bambolê e ouvindo um áudio gravado com palavras grafadas com lh e l. Ao término de cada palavra ouvida o aluno optará por um dos dois movimentos ofertados: quando a palavra for pronunciada com o fonema /l/ permanecerá fora do bambolê; quando for pronunciada com /λ/, o aluno deverá entrar no círculo. Cada aluno, após sua participação, deverá retornar à sua fila, permanecendo sentado.

Ao final, professor/a, juntamente com os alunos, abra espaço e faça uma conversa sobre os possíveis erros, evitando assim algum tipo de preconceito linguístico.

V ETAPA

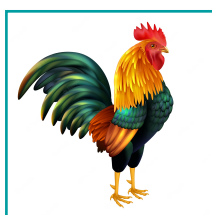
Teste de saída

Professor/a, com o intuito de buscar respostas se a sequência e as dinâmicas atendem às expectativas de forma satisfatória, recomendamos a aplicação e análise de teste de saída, bem como a sua comparação com os resultados dos testes de entrada.

Através do teste de saída será possível perceber a evolução da escrita dos alunos. O teste de saída conta com 10 palavras que contêm a presença do l e lh; 5 eram escritas com l e 5, com lh, em cada folha:

Escola _____
Aluno _____ Série ____ Ano ____
Data _____ Prof/ª _____

Escreva, bem caprichado, o nome das figuras abaixo:









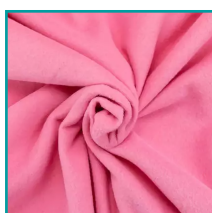




Pai e









Parabéns, você provou que é capaz!



Palavras Finais



Colega, professor/a, neste caderno pedagógico apresentamos um pouquinho de fundamentação teórica para que você pudesse compreender as marcas da oralidade das crianças nas produções diárias que são assuntos de pesquisa científica, estudos sérios que podem nos auxiliar em sala de aula. Trazemos também dica de leitura e possibilidades de discussão para que você também possa ampliar seus conhecimentos e propor debates aí na sua escola.

Certamente deu para entender que nem sempre o dígrafo “LH” é grafado corretamente justamente porque na fala o som equivalente não se realiza no alvo esperado, ou seja, o bloqueio da língua não se dá na região do palato. Logo, o som que deveria ser palatal sai modificado. Você viu nos dados que os alunos trocam esse som por outros e essa troca não é arbitrária, não se dá de qualquer jeito. Isso significa que há uma coesão nos erros de escrita porque a produção oral tem uma certa recorrência.

Identificando como se dão os processos fonológicos que influenciam a escrita dos alunos, propomos o nosso produto que consiste numa sequência didática e uma trilha. Todas as etapas descritas nesse trabalho foram aplicadas e as análises aprofundadas dos dados podem ser encontradas no relatório de dissertação de mestrado que acompanha esse caderno pedagógico. Aqui, em uma linguagem mais dialógica, aproveitamos para sugerir a você, professor/a, outros caminhos de confecção que podem gerar outros trabalhos que venham auxiliar nossos alunos.

Professor, mas se você decidir replicar ou aproveitar alguma etapa desta pesquisa, saiba que nem sempre os resultados são totalmente satisfatórios, mas que todo esforço vale a pena. No nosso caso, percebemos que, apesar de todo tempo dedicado ao processo, mantém-se ainda uma dificuldade por parte de alguns alunos em perceber e entender a diferença entre as modalidades da língua: escrita e falada. Talvez essa etapa do letramento seja um tijolo que fará toda a diferença mais tarde, quando a construção já estiver mais avançada.

Quando tratamos de variação linguística e discutimos sobre aceitar as bagagens dos alunos, notamos que há um esvaziamento teórico que finda no “então pode tudo”. O nosso trabalho sinaliza para os professores, assim como tantos outros, que não significa aceitar ou não corrigir todos os erros de escrita, mas sim conhecer a natureza dos erros para que possamos melhor instruí-los no momento da correção. O professor deve ter em mente que fala e escrita são modalidades que devem ser igualmente respeitadas, pois ambas são incrivelmente complexas, detalhadas e organizadas a partir de inúmeras regras. Enfatizamos aos colegas que é importante sempre ter um olhar à luz da Fonética e Fonologia. Continue com seu trabalho eficiente na correção da modalidade escrita, mas quando algum erro for recorrente ou alguns dos quais mencionamos neste caderno, procure organizar uma forma de interveniência: lance mão de textos motivadores para despertar o prazer da execução da atividade, filtre os processos fonológicos recorrentes e faça uma atividade básica para um melhor diagnóstico; crie dinâmicas: jogos, trilhas, músicas etc. E não se esqueça de trabalhar sempre fazendo o comparativo do antes e depois. Esse comparativo é extremamente importante para nos dar impulso para novos planejamentos, pois é quando visualizamos os resultados positivos que nos engajamos ainda mais no processo de transformação que somos capazes de empreender.

As correções dos erros de escrita estão atrelados aos processos fonológicos, a depender da condução do/a professor/a, podem implicar generalizações equivocadas e manutenções de preconceitos linguísticos que devem, na verdade, ser combatidos pela escola. As variações linguísticas fazem parte da identidade dos nossos alunos e da comunidade de fala da qual fazem parte.

Esperamos que este caderno forneça a base de que você precisa para replicar, continuar, adaptar ou melhorar a **Trilha da Língua, colando** sucessos e **encolhendo** a presença dos processos fonológicos na escrita de seus alunos. Sempre à luz da Fonética e Fonologia. ☺

Referências

BISOL, Leda. Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro. 3ª edição. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

SEARA, Izabel Christine.; NUNES. Vanessa Gonzaga; LAZZAROTTO-VOLCÃO, Cristiane. Para conhecer Fonética e Fonologia do português brasileiro. São Paulo: Contexto, 2019.

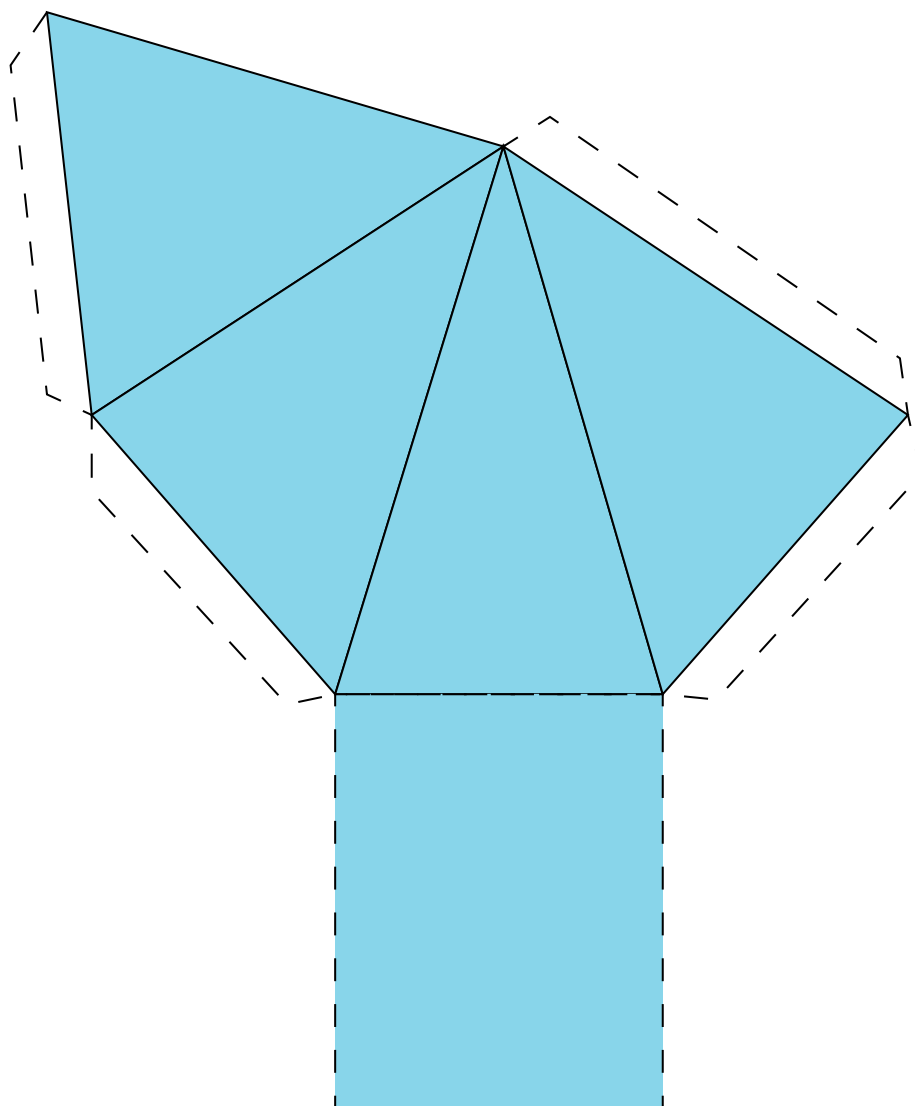
Apêndice 1 : Para recortar

(Peças para montagem da trilha)

 PARTIDA 	PALHAÇO	 TELA	MALA	 TELHA
MILHO	BOLA	COLHER	GRAVURA S	GRAVURA S
FILA	ARCADA DENTÁRIA	PALA	GRAVURA S	GRAVURA S
 VOLTE PARA PARTIDA	ABELHA	 PULE DUAS CASAS	BELA	MALHA
BOLHA	FILHA	PALHA	 VOLTE UMA CASA	MILO
COLE	VELA 	 VÁ PARA PRÓXIMA CASA	VELHA 	PALÁCIO CHEGADA

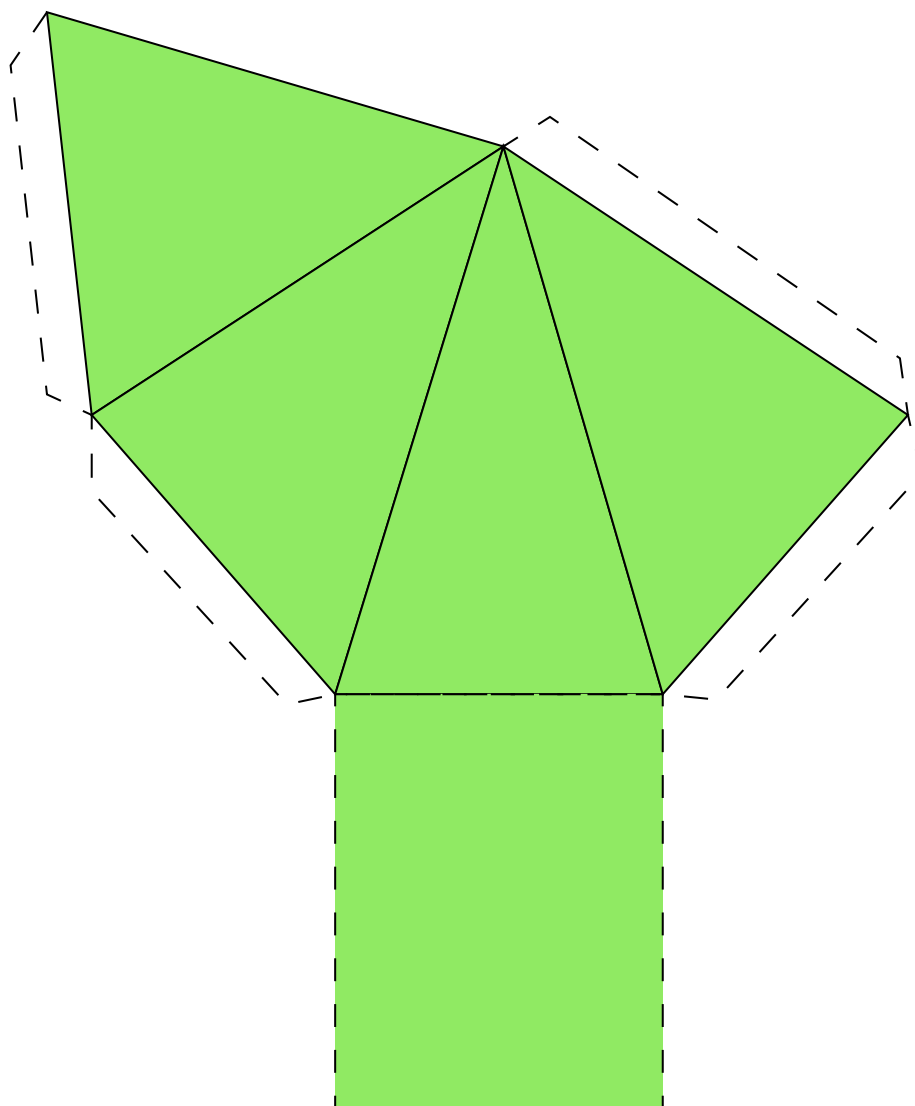
Apêndice 2 : Montagem dos Cones

(Para recortar)



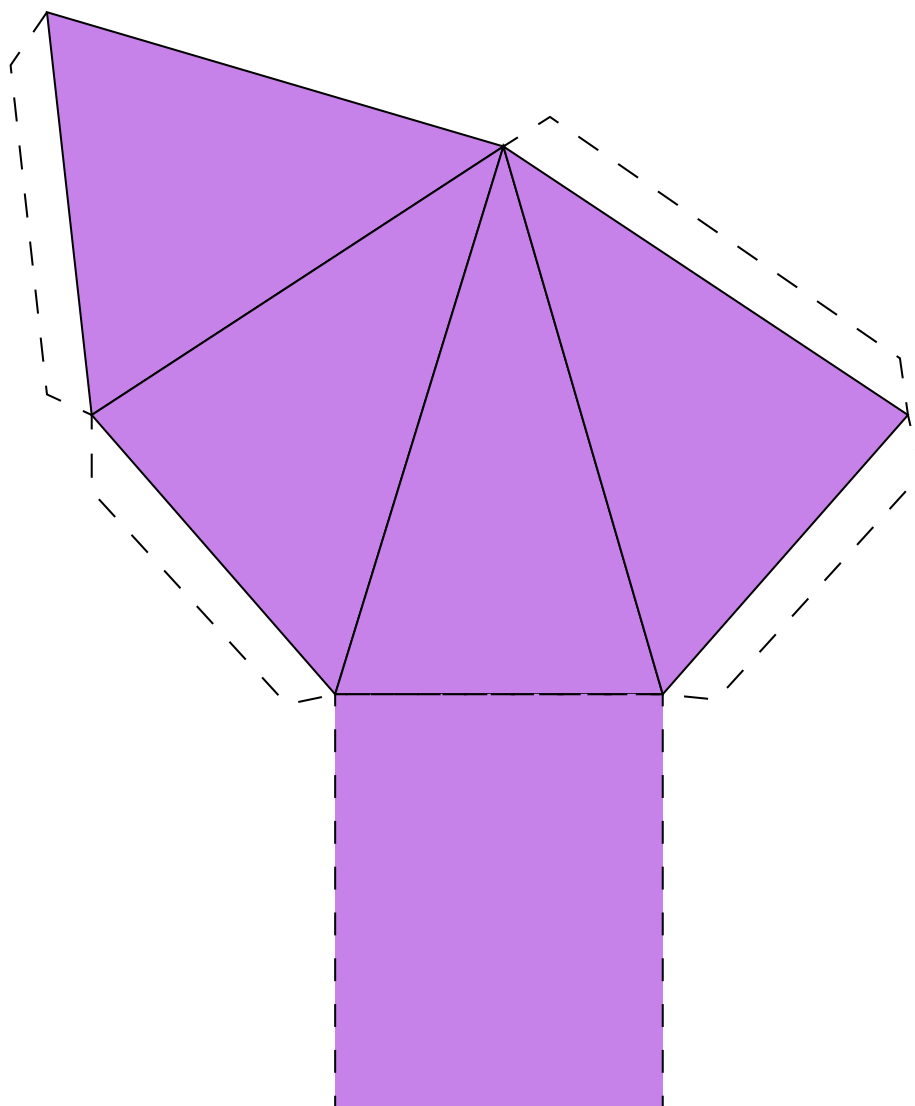
Apêndice 2 : Montagem dos Cones

(Para recortar)



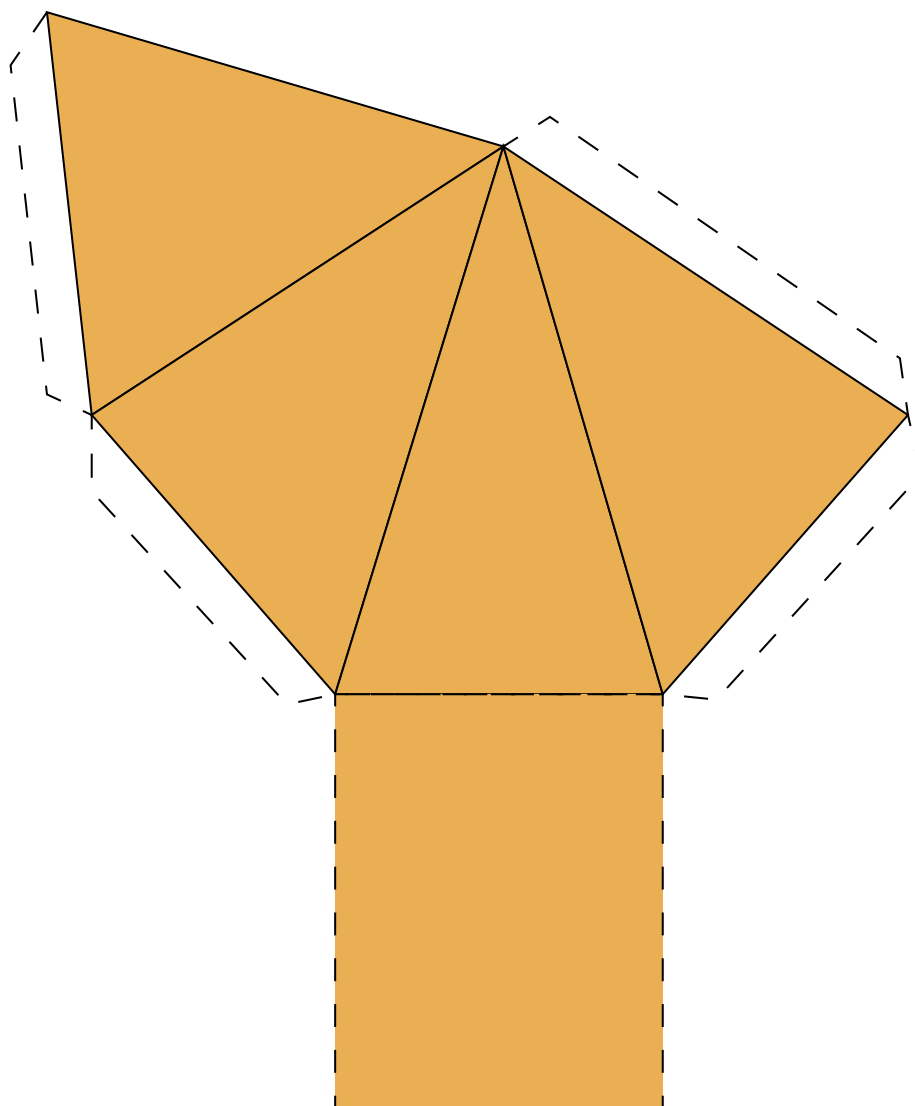
Apêndice 2 : Montagem dos Cones

(Para recortar)



Apêndice 2 : Montagem dos Cones

(Para recortar)



Apêndice 3 : Montagem do Dado

(Para recortar)

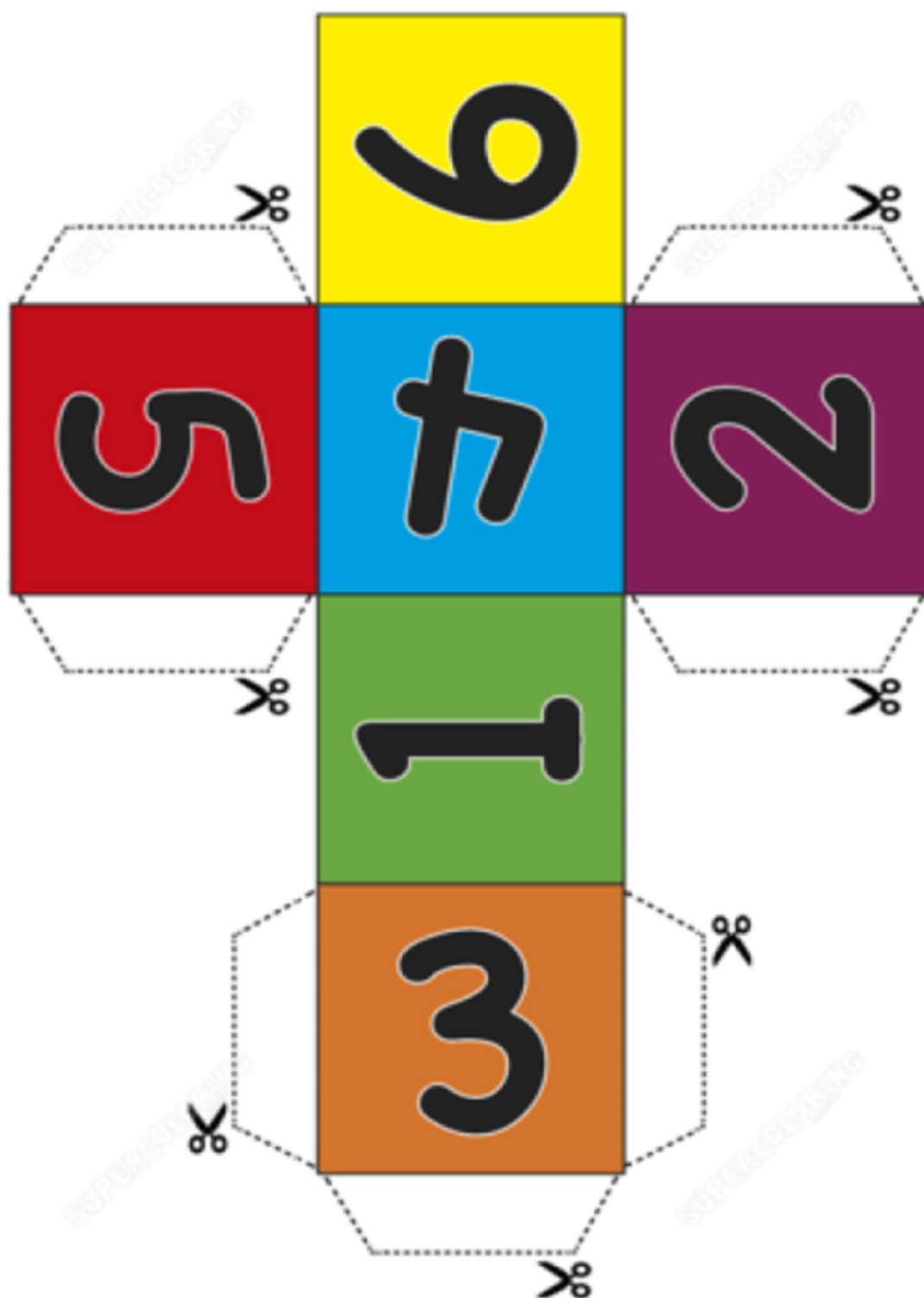


Image printed on www.supercoloring.com - for personal use only - reproduction is prohibited

Apêndice 4 : Palavras da Trilha

(Para recortar)

MILHO

MILO

FILA

FILHA

BOLHA

BOLA

BELA

ABELHA

Apêndice 4 : Palavras da Trilha

(Para recortar)

VELA

VELHA

PALA

PALHA

MALA

MALHA

PALÁCIO

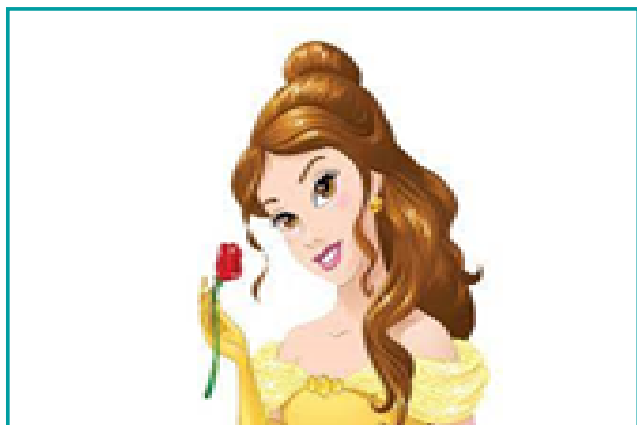
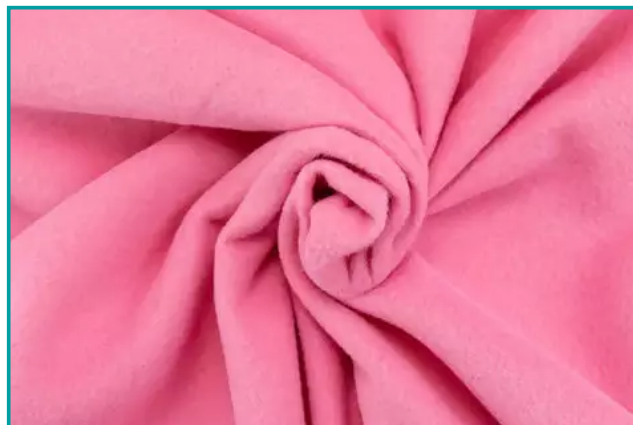
PALHAÇO

COLE

COLHER

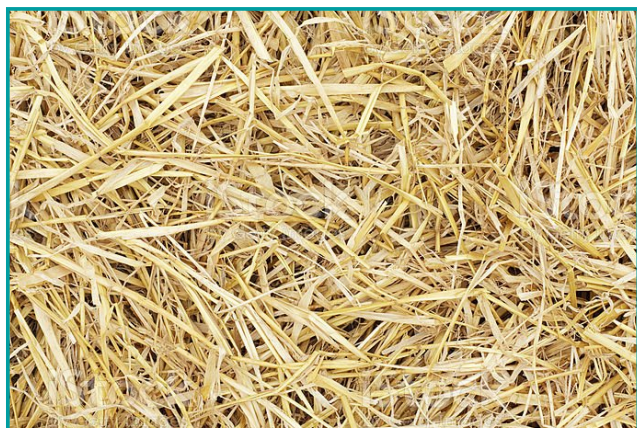
Apêndice 5: Gravuras para compor a trilha

(Para recortar)



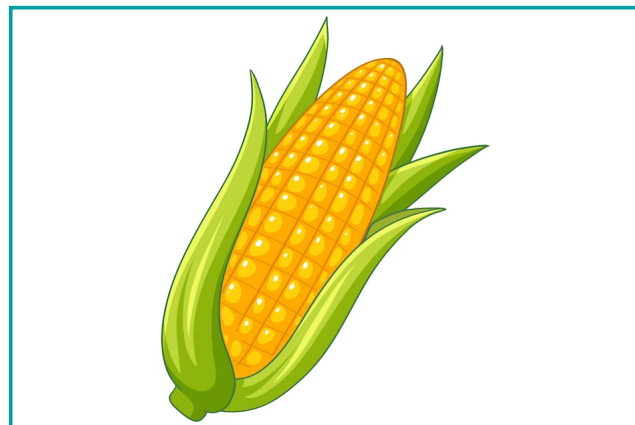
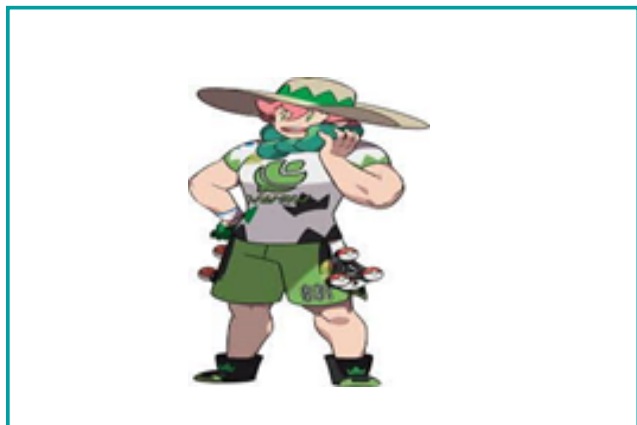
Apêndice 5: Gravuras para compor a trilha

(Para recortar)



Apêndice 5: Gravuras para compor a trilha

(Para recortar)



Apêndice 6: Teste de Entrada

(Para xerocar)

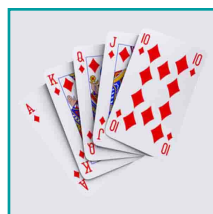
Escola _____

Aluno _____ Série _____ Ano _____

Data _____ Prof^a _____

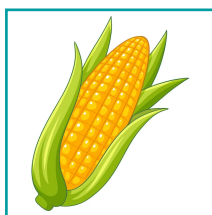
Escreva o nome das figuras abaixo bem caprichado!

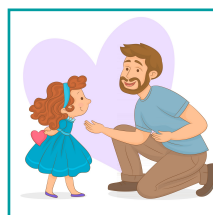






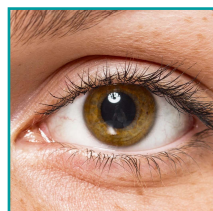






Pai e









Apêndice 7: Teste de Saída

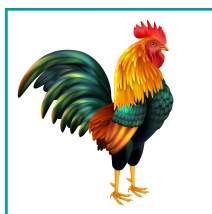
(Para xerocar)

Escola _____

Aluno _____ Série _____ Ano _____

Data _____ Prof/ª _____

Escreva, bem caprichado, o nome das figuras abaixo:

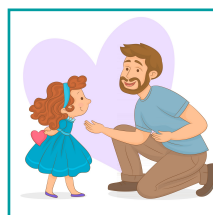








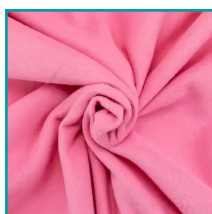




Pai e



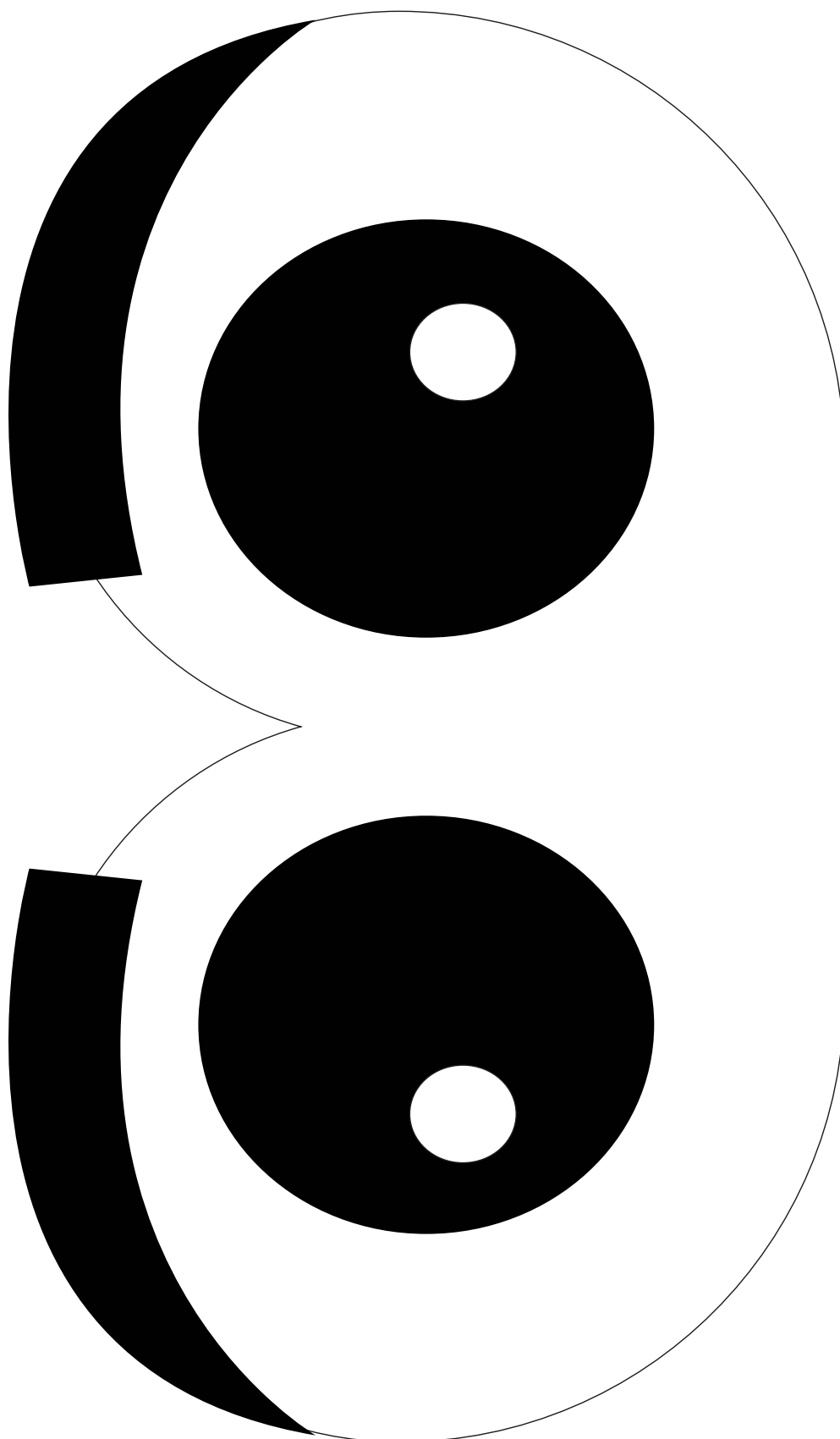






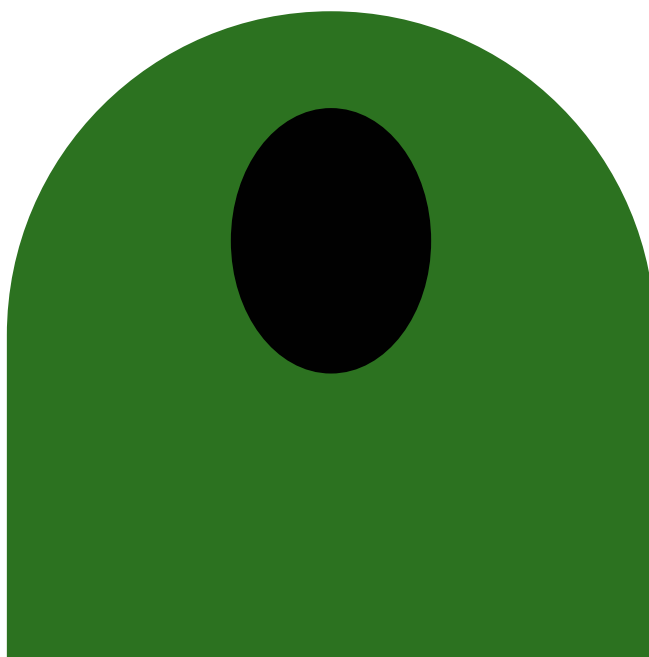
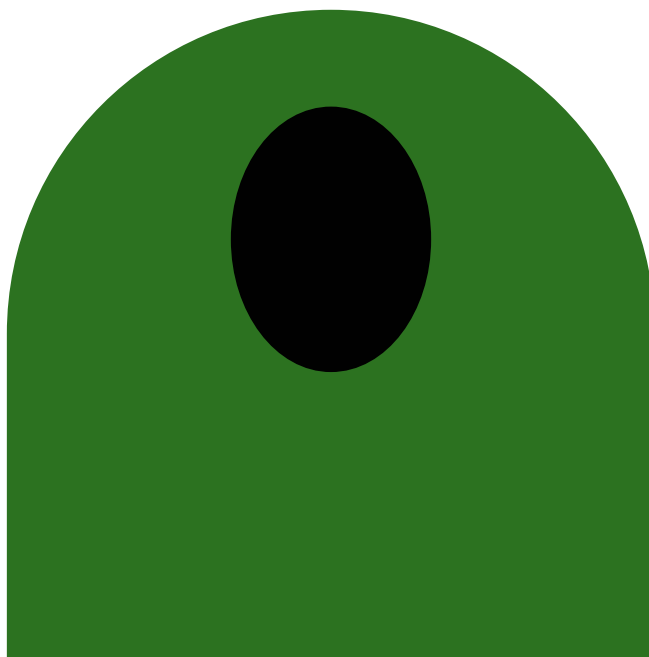
Apêndice 8: Olhos

(Olhos para recortar , modelo do tamanho. Acrescente uma base plana abaixo dos olhos, para ser colada.)



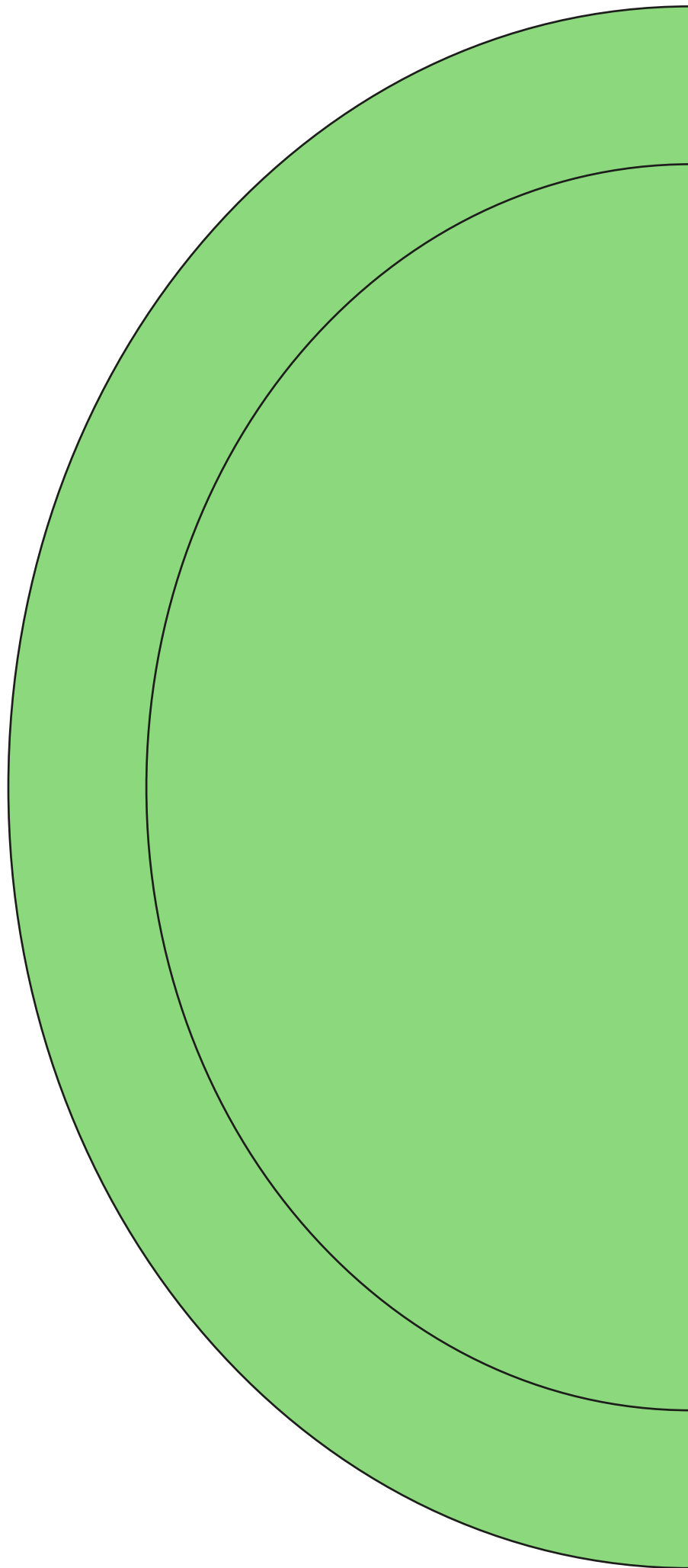
Apêndice 8: Nariz

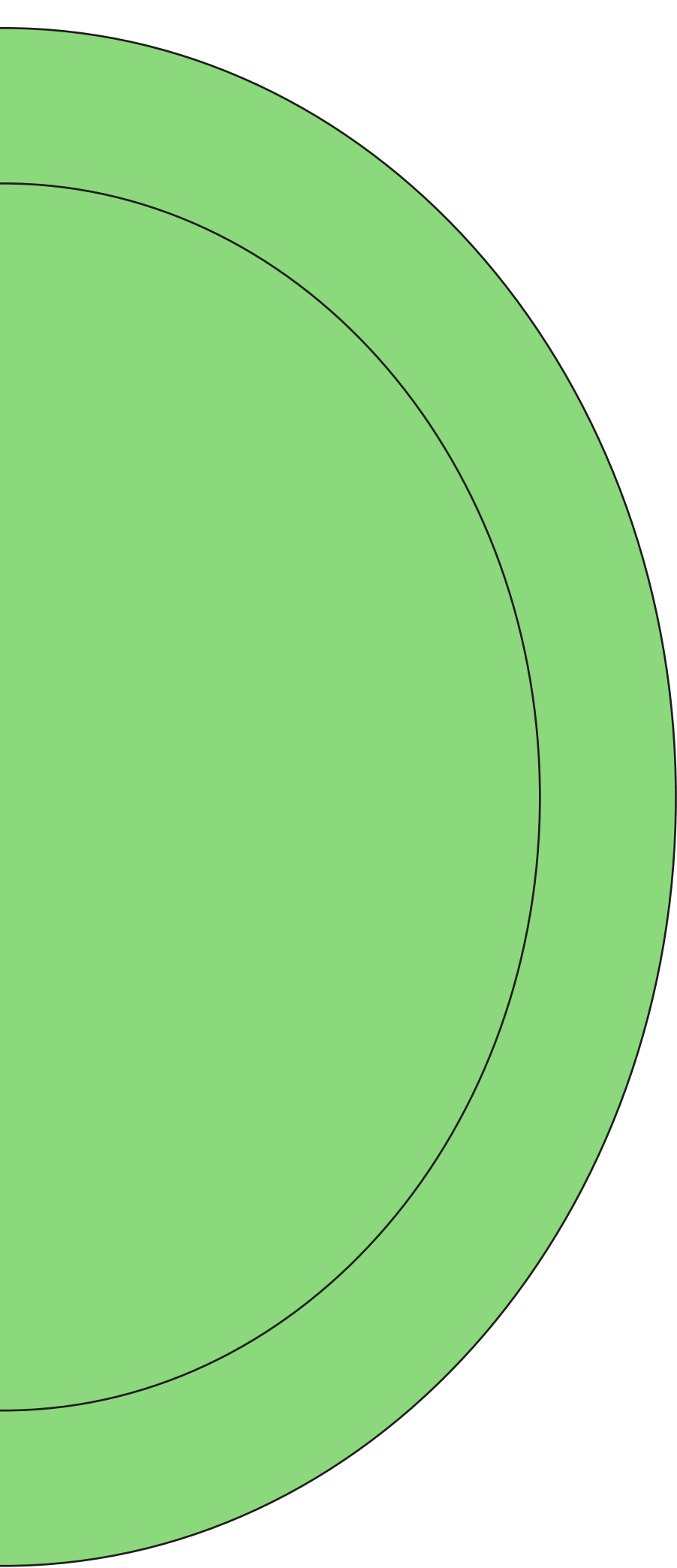
(Para recortar)



Apêndice 9: Boca

(Para recortar)





Apêndice 9: Boca

(Para recortar)

Apêndice 10: Língua

(Para recortar)

